

ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E VIVÊNCIAS DISSIDENTES DE GÊNERO E SEXUALIDADE: ENTRE CIDADES E AS PÁGINAS DA REVISTA ROSE

SPACES OF SOCIABILITY AND DISSIDENT EXPERIENCES OF GENDER AND SEXUALITY: BETWEEN CITIES AND THE PAGES OF ROSE MAGAZINE

Guilherme Fonseca Trindade de Abreu¹
Gabrielly Fortini Fernandes²
Maria Alice Veiga de Oliveira³
Isadora Cristina Borges⁴
Remom Matheus Bortolozzi⁵

Resumo: este estudo analisa espaços de sociabilidade de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade a partir de suas memórias de vivências correlacionadas a práticas sexuais, expressão e identidade de gênero, orientação afetivo-sexual e corporalidade registradas na revista Rose. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e se baseia na análise documental das cartas enviadas à seção "Confidências" da publicação, fundamentada nos pressupostos do construcionismo social e da análise de práticas discursivas. A análise das fontes documentais indica que a revista Rose se consolidou como um espaço simbólico de acolhimento e pertencimento para corpos marginalizados, possibilitando a troca de experiências, dúvidas e desabafos. As cartas analisadas contêm recorrentes temáticas, com destaque para questões sobre orientação afetivo-sexual, práticas sexuais e corporalidade. Como considerações, destacamos que em um cenário marcado pela censura e pela escassez de espaços físicos de sociabilidade, a revista desempenhou um papel importante na legitimação de identidades dissidentes, funcionando como um refúgio simbólico para essas pessoas, potencializando reconhecimento de pares e fortalecimento de identidade.

Palavras-chave: Revista Rose; gênero; sexualidade; memória.

Abstract: this study analyzes spaces of sociability among people with dissident gender and sexuality, based on their memories of experiences related to sexual practices, gender expression and identity, affective-sexual orientation, and embodiment, as recorded in Rose magazine. The research adopts a qualitative approach and is based on a documentary analysis of letters sent to the magazine's "Confidences" section, grounded in the principles of social constructionism and discourse practices analysis. The analysis of the document sources indicates that Rose magazine became established as a symbolic space of belonging and support for marginalized bodies, enabling the exchange of experiences, questions, and personal reflections. The letters analyzed reveal recurring themes, particularly concerning affective-sexual orientation, sexual practices, and embodiment. In conclusion, we highlight that in a context marked by censorship and a scarcity of physical spaces for sociability, the magazine played an important role in legitimizing dissident identities, functioning as a symbolic refuge for these individuals and fostering peer recognition and identity strengthening.

Keywords: Rose magazine; gender; sexuality; memory.

¹Discente de psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Participante do Memória LGBTI+ de Curitiba e membro da diretoria da Liga Acadêmica de Estudos em Gêneros, Sexualidades e Diversidades.

²Discente de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Participante do projeto Memória LGBTI+ de Curitiba e integrante da diretoria da Liga Acadêmica de Estudos em Gêneros, Sexualidades e Diversidades (LAED-PUCPR).

³Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), participante da diretoria da Liga de Estudos em Gêneros, Sexualidades e Diversidades e da Liga de Psicologia e Educação.

⁴Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), participante da diretoria da Liga de Estudos em Gêneros, Sexualidades e Diversidades.

⁵Professor do Departamento de Psicologia (PUCPR), doutor em Ciências pela programa de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2021), possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (2010), mestrado em Educação pela Universidade de Brasília (2014) e especialização em Gênero e Sexualidade pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2016). Membro fundador do Acervo Bajubá.

1 INTRODUÇÃO

Lançada em 1979 pela editora Grafipar, a Revista Rose representou um marco na imprensa alternativa brasileira. Pioneira entre as publicações pornográficas com ensaios de nudez masculina produzidos nacionalmente, acabou atraindo especialmente o público homossexual. A revista destacou-se pelo seu diálogo com leitoras e leitores, especialmente por meio da seção de "Confidências", onde as pessoas podiam enviar cartas e receber respostas da sexóloga Nina Fock, uma personagem criada pelo jornalista Nelson Faria (Fernandes, 2017; Czovny; Fernandes, 2023). Essa seção registra narrativas de pessoas que viviam seus gêneros e sexualidades de forma dissidente e por meio de sua enunciação nas cartas, compartilhamento com outras leitoras e leitores e orientação da sexóloga, poderiam construir suas identidades. Partimos da hipótese que a análise dessas memórias de vivências dissidentes de gênero e sexualidade pode nos auxiliar a reconstruir mapas de espaços de sociabilidade ocupados por essas pessoas.

O objetivo deste artigo é analisar espaços de sociabilidade de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade a partir de suas memórias de vivências correlacionadas a práticas sexuais, expressão e identidade de gênero, orientação afetivo-sexual e corporalidade registradas na revista Rose. Foi realizada uma análise dos discursos presentes na seção "Confidências" da publicação, à luz do construcionismo social, que enfatiza a produção de significados por meio das práticas discursivas e das interações sociais situadas historicamente.

Neste sentido, este trabalho resgata não apenas a importância histórica da revista Rose como um espaço de produção cultural e resistência, mas também registra memórias pessoais e coletivas, destacando a importância da vivência em espaços coletivos e comunitários para formação de identidades sociais e culturais. Ao analisar as cartas enviadas à seção "Confidências", busca-se compreender as vivências dissidentes de gênero e sexualidade em espaços de sociabilidade, contribuindo para a construção de memórias coletivas das dissidências nas cidades, bem como narrativas de construção de si e desenvolvimento das identidades sociais.

2 CARTAS E MEMÓRIA EM TEMPOS DE CENSURA

Com sede em Curitiba (PR), a Grafipar teve um papel pioneiro na imprensa alternativa, especialmente durante a ditadura civil-militar, entre 1970 e 1983. Inicialmente, a editora dedicava-se à produção de enciclopédias; no entanto, ao expandir sua atuação, passou a focar na publicação de revistas eróticas. Como parte dessa inovação, lançou três revistas de destaque: Peteca, Ponto de Encontro e Rose, sendo esta última o objeto central desta pesquisa. Criada em 1979 com uma equipe editorial hegemonicamente composta por mulheres, a publicação tinha como proposta editorial ser uma revista erótica pioneira na

produção nacional de ensaios com nudez masculina e textos voltados ao público feminino abordando em especial pautas importantes para o feminismo como o aborto, saúde sexual e reprodutiva, não monogamia, casamento, etc. À partir desse formato, a Rose acabou rapidamente atraindo também outro público de leitores e passou a ser consumida por leitores gays, tornou-se também um espaço singular para o debate sobre a homossexualidade (Fernandes; Amaral, 2019; Fernandes, 2017).

A revista apresentava um formato reduzido (13,5 x 20,5 cm) e poucas páginas, adotando uma abordagem leve sobre sexualidade. Seu conteúdo abrangia temas como astrologia, moda, comportamento e contos eróticos, além de informações sobre sexualidade, educação e mercado de trabalho. Sua proposta editorial visava prestar serviços às mulheres, orientando-as e defendendo direitos e oportunidades iguais para o desenvolvimento pessoal e profissional (Czovny; Fernandes, 2023).

A partir da edição nº 50, publicada em agosto de 1981, a linha editorial da revista foi reformulada para se concentrar exclusivamente no universo homossexual. Essa mudança implicou na reestruturação das seções e na criação de novas colunas, incluindo entrevistas com personalidades da comunidade LGBTI+⁶, divulgação de informações sobre o movimento homossexual e recomendações de espaços de sociabilidade, como casas noturnas, saunas, cinemas e publicações literárias (Czovny; Fernandes, 2023).

Em um contexto de censura midiática imposta pelo regime ditatorial, um dos aspectos distintivos da revista era sua intensa interação com leitoras e leitores, estabelecida principalmente por meio do envio de cartas. Essa participação se manifestava em seções como Informação Sexual, Confidências, Encontro Gay e Cartas à Redação, além de concursos promovidos pela publicação, nos quais os vencedores recebiam prêmios em dinheiro (Czovny; Fernandes, 2023).

Embora o corpo editorial da revista fosse diverso, o jornalista curitibano Nelson Faria desempenhava um papel central, sendo o principal responsável pela assinatura dos textos. Além de redigir os conteúdos para a publicação, ele também respondia às correspondências dos leitores sob o pseudônimo da sexóloga Nina Fock. Essa estratégia não apenas tornava a revista mais acessível ao público, mas também preservava sua identidade em um contexto de repressão social e política (Fernandes, 2017).

A seção “Confidências”, situada nas últimas páginas da revista, funcionava como um espaço onde as leitoras e leitores enviavam questionamentos, relatos, segredos e desejos íntimos. Esse canal de comunicação e representatividade permitia que o público, especialmente pessoas homossexuais, expressassem suas opiniões, dúvidas e experiências. Por meio dessas cartas, leitoras e leitores da revista Rose compartilhavam vivências, faziam

⁶ Reconhecemos que a sigla está em permanente construção, refletindo as lutas e reivindicações de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade por visibilidade e reconhecimento. Optamos pelo uso da sigla LGBTI+ por sua legitimidade junto aos movimentos sociais, especialmente por ser a forma adotada pela Aliança Nacional LGBTI+, que tem protagonizado ações em defesa dos direitos dessa população.

agradecimentos, ofereciam sugestões e buscavam esclarecimentos sobre sexualidade e gênero.

As cartas enviadas para a seção “Confidências” representam fragmentos de memória, instantes singulares, que emergem de lembranças vinculadas a outro momento histórico, mediadas pelas representações sociais. Conforme salienta Ecléa Bosi (2003), a memória deve ser analisada a partir da relação entre a conservação do passado e sua articulação com o presente, evidenciando a confluência entre memória e percepção.

2.1 VOZES EM DIÁLOGO: MEMÓRIA E LINGUAGEM NA SEÇÃO “CONFIDÊNCIAS”

Pertencer a um grupo implica evocar lembranças significativas associadas a ele, transformando cada memória individual em uma perspectiva sobre a memória coletiva. Essa memória coletiva é tecida por múltiplos fios, resultando da interseção de diversos percursos, configurando-se como um ponto de convergência complexo dos diferentes planos do nosso passado (Bosi, 1994). Maurice Halbwachs explica esses fenômenos a partir da contínua aglomeração de vivências compartilhadas, nas quais o coletivo retém do passado apenas aquilo que permanece vivo na consciência, mantendo assim a memória ativa (Landau, 2010).

A memória, portanto, faz “parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais” (BOSI, 2003, p. 20). Ela se enraíza nas dinâmicas materiais e simbólicas que estruturam o cotidiano e são legitimadas pela linguagem (Fraccaroli, 2019). Além disso, a memória não se opõe à história, mas funciona como uma via privilegiada para articular experiências cotidianas (BOSI, 2003). Suas combinações são múltiplas e socialmente demarcadas, tecendo tanto repetições quanto deslocamentos (Fraccaroli, 2019), uma vez que aqueles que relatam suas memórias o fazem a partir de suas interações sociais e de seus contextos localizados.

Diante desses contextos, a função enunciativa desempenha um papel fundamental na constituição da memória, pois é por meio da linguagem que ela se torna expressável e perceptível. O domínio enunciativo possibilita que algo ou alguém se torne inteligível, sendo sua legitimação estabelecida pela linguagem. Como aponta Charles Roberto Roos Lopes (2011), “somente podemos existir como seres possíveis e inteligíveis se houver um enunciado nos precedendo e nos autorizando” (Lopes, 2011, p. 168).

Analisar um enunciado é reconhecer suas especificidades, é apreendê-lo como um acontecimento situado no tempo e no espaço e que pertence a uma dada formação discursiva, como salientado por Foucault (2014):

A análise enunciativa só pode se referir a coisas ditas, a frases que foram realmente pronunciadas ou escritas, a elementos significantes que foram traçados ou articulados - e mais precisamente, a essa singularidade que as faz existirem, as oferece à observação, à leitura, a uma reativação eventual, a mil usos ou transformações possíveis, entre outras coisas, mas não como as outras coisas (Foucault, 2014, p. 133).

A partir dessa perspectiva, compreendemos tais relatos enunciativos e memoriais contidos nas cartas enviadas à seção “Confidências” da revista Rose, a partir das práticas discursivas, que são delineadas pelo constructo teórico do construcionismo social. Essas práticas devem ser compreendidas como linguagem em ação, isto é, “as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (Spink; Medrato, 2013, p. 26).

Além disso, as construções de significação ocorrem por meio de práticas sociais dialógicas, que reiteram e redefinem os sentidos cotidianos, configurando-se como dinâmicas das relações sociais historicamente situadas e culturalmente localizadas (Spink; Medrato, 2013). A produção de sentido é compreendida como um fenômeno sociolinguístico, uma vez que o uso da linguagem sustenta e estrutura as práticas sociais. Dessa forma, a análise discursiva busca compreender tanto as práticas – como narrativas, argumentações e interações comunicativas – quanto os repertórios utilizados na construção dos discursos (Spink; Medrato, 2013).

Dessa maneira, as memórias enunciadas nas cartas recebidas na sessão “Confidências” da revista Rose são dispositivos para compreendermos representações sociais da época sobre as questões da sexualidade e formação de identidade, além de registros de espaços de sociabilidade e locais nas cidades de grupos dissidentes ou comunidades LGBTQI+.

3 CAMINHO METODOLÓGICO

O percurso metodológico desta pesquisa fundamenta-se em uma análise documental de natureza qualitativa da seção “Confidências” da revista Rose. Pesquisas documentais, conforme Kipka, Scheller e Bonotto (2015), caracterizam-se pelo objetivo de compreender os fenômenos e suas representações sociais a partir das informações contidas em documentos públicos ou privados.

Nesse sentido, para a análise discursiva das memórias de vivências dissidentes de gênero e sexualidade de diferentes regiões do Brasil, utilizaremos a coluna “Confidências”, presente nas últimas páginas de cada edição da revista. Para viabilizar essa análise, o primeiro passo da pesquisa consistiu em estabelecer contato com a equipe de acervo e pesquisa do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott – CEDOC LGBTQI+, com o objetivo de agendar um horário para a consulta dos materiais. As revistas, foram digitalizadas apenas a capa e a coluna “Confidências” disponíveis para análise, conforme exemplificado na figura

1. As edições restantes foram disponibilizadas pelo Acervo Bajubá⁷, por intermédio do Prof. Dr. Remom Matheus Bortolozzi. Dessa forma, foi possível reunir a integralidade da publicação, totalizando oitenta e uma edições da Revista Rose.

FIGURA 1 - Disponibilização das Revistas

Edição									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
81									

Legenda

CEDOC LGBTI+

Acervo Bajubá

Fonte: Autoras (2025)

Após a digitalização de todas as edições, foi realizada uma sistematização da documentação conforme sua origem, por meio do preenchimento de um mapa dialógico com os relatos contidos na revista. O mapa dialógico, desenvolvido por meio do *Google Forms*, teve como objetivo identificar a pessoa remetente da carta, a cidade e o estado de origem, a menção a espaços físicos no relato e a motivação para o envio. Os critérios de inclusão foram cartas que continham o Estado de envio, sendo excluídos cinco relatos sem o Estado de envio. Totalizando um montante de cento e sessenta e seis Confidências de todas as regiões do Brasil.

Com todos os relatos organizados na planilha gerada pelo mapa dialógico, as confidências foram categorizadas em duas grandes classes: (i) Confidências que envolvem locais e lugares; e (ii) local de envio das confidências.

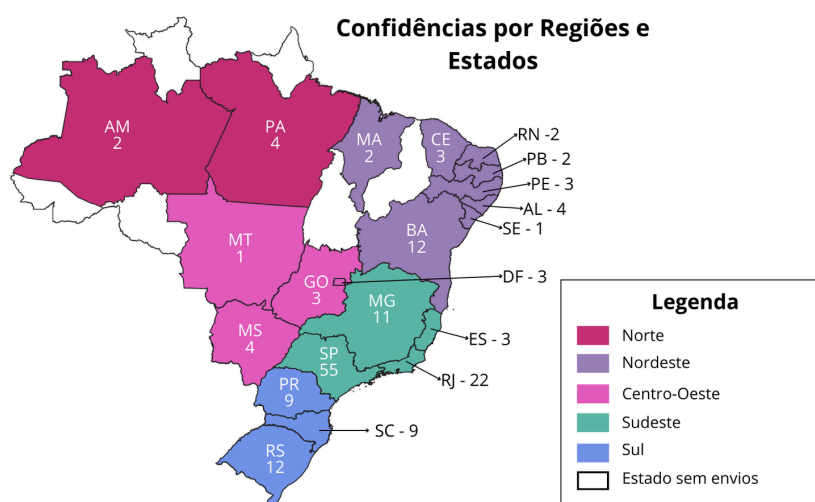
Os dados foram analisados por meio da análise de práticas discursivas sustentada por construtos do construcionismo social (Spink; Cordeiro; Brigagão, 2022). Essa perspectiva metodológica visa enfatizar a importância dos processos enunciativos mediado pelas significações linguísticas na construção da realidade, considerando as marcas históricas que atravessam e ressignificam esse processo.

⁷ O Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott – CEDOC LGBTI+ dispõe ao todo cinquenta e oito edições da publicação. O Acervo Bajubá possui a coleção completa das edições da Revista Rose. Para mais informações, consulte: <https://acervobajuba.com.br/sobre/>.

4 RESULTADOS

Os escritos analisados expressam memórias de vivências de pessoas de diferentes regiões do Brasil. A coluna Confidências configura um canal de comunicação e um espaço importante de compartilhamento e reconhecimento de vivências comuns entre pessoas dissidentes de gênero e sexualidade. Ao longo de sua produção foram produzidas oitenta e uma edições da revista. Totalizando cento e sessenta e uma cartas distribuídas por todas as regiões do país, conforme apresentadas na figura 2.

FIGURA 2 - Disponibilização das Revistas



Fonte: Autoras (2025)

Os dados apresentados na figura 1 demonstram que houve o envio de cartas de todas as regiões do país, indicando a importância da revista como um espaço de expressão para pessoas dissidentes de gênero e sexualidade em diferentes partes do Brasil, mesmo diante das limitações e censuras presentes pelo contexto histórico da ditadura civil-militar. Um dos primeiros desafios encontrados na sistematização dos dados foi localizar lugares de sociabilidade a partir dessas memórias, mesmo com a representação de pessoas de todas as regiões do país. Trazemos como hipótese que grande parte das pessoas que encaminham cartas para a sessão lidavam com o armário, medo de violência e preconceito e tinham pouca ou nenhuma frequência em espaços de sociabilidade homossexuais ou de convivência com outras pessoas dissidentes de gênero e sexualidade e possivelmente essa carência de locais identitários era uma das variáveis mobilizadoras para o uso do recurso de comunicação e diálogo na sessão “Confidências”. Para apresentar os dados organizados e discussão apresentaremos de início memórias de vivências sobre práticas sexuais, orientação e corporalidade separadas a partir das regiões do país, visibilizando questões

emergentes desses locais. Posteriormente traremos os dados e discussão de espaços de memória das cidades em si.

O Sudeste concentrou o maior número de envios, com destaques para São Paulo - SP (cinquenta e cinco cartas) e para o Rio de Janeiro - RJ (vinte e duas cartas), seguidos por Minas Gerais - MG (onze cartas) e Espírito Santo - ES (três cartas), com um montante de noventa e uma cartas enviadas. A categorização dos relatos enviados revela que a maioria das Confidências tem como foco central a orientação afetivo-sexual, seguida por questões relacionadas às práticas sexuais e à corporalidade.

A orientação afetiva-sexual aparece por meio da dúvida, do conflito e do questionamento constante em relação à própria identidade sexual. Entre os relatos, destacam-se falas semelhantes à de V. M. A. - SP, onde relata sentir-se “muito envergonhada, culpada, por essa estranha sensação de prazer” (Rose, nº 12, 1980, p. 34). Podem ser observados outros escritos semelhantes nos relatos a seguir:

Após nos separarmos, há cerca de 6 meses atrás, conheci um rapaz gay e passei a ter com ele relações sexuais, e em quase todas essas relações cheguei ao gozo sem nenhum esforço. Isso me grilou muito. Tentei então testar-me novamente com outras mulheres, mas não obtive sucesso. Por que será que só alcanço prazer com gays? Será que tenho tendências homossexuais? Eram essas e muitas outras perguntas que fazia a mim mesmo, sem obter as respostas (Olhos Tristes - ROSE, nº 63, 1982, p. 30). [...] estamos apaixonadas e morremos de ciúmes uma da outra. É pecado mulher amar outra mulher? Você acha que deveríamos parar por aqui enquanto ninguém desconfia de nada? Mas não conseguiríamos viver separadas! (Grito de alerta - ROSE, nº 31, 1980, p. 35).

Esses relatos evidenciam o impacto emocional vivido por pessoas que não se enquadram na norma heterocisnormativa. Muitas cartas revelam solidão e desilusões amorosas, como a de J.L.H, um homem homossexual que, após ser traído e exposto por seu primeiro parceiro, enfrenta o medo da rejeição familiar em uma pequena cidade (Rose, nº 72, 1982, p. 30). O episódio o leva ao isolamento e a pensamentos suicidas.

Assim como J.L.H., outras pessoas expressam em suas cartas o sofrimento como um elemento latente de suas experiências. C., do Rio de Janeiro, escreve em sua confidência que mesmo tentando, nunca conseguiu manter relações sexuais com mulheres. Relata estar desesperado, pois vive em meio a pessoas religiosas as quais dizem que está cometendo o maior dos pecados. Porém, frisa não conseguir deixar o “homossexualismo”, questionando o que seria mais certo: ser homossexual ou crente (Rose, nº 43, 1981, p. 34).

Essas confidências evidenciam algumas das diversas formas em que o sofrimento vivido pelos indivíduos se manifesta, seja pelo medo da reação alheia, seja pelo receio do julgamento ou pelo embate com crenças religiosas e normas sociais que os cercam.

No que diz respeito às práticas sexuais, surgem dúvidas sobre a sexualidade, desde a “normalidade” de fantasias e fetiches até a influência da masturbação na orientação sexual. Também aparecem inquietações sobre o prazer, como dificuldades em senti-lo ou em alcançá-lo apenas com certas pessoas. Muitas pessoas recorrem à revista em busca de explicações e orientações para explorar sua sexualidade com mais liberdade.

Como exemplo, no relato de C.S.S, de São Paulo, o homem descreve ser um problema ter atração sexual por bêbados e ter vontade que urinem dentro dele (Rose, nº 66, 1982, p. 30). Já o relato de um homem homossexual, do Rio de Janeiro, comenta não se sentir realizado depois de uma relação como passivo e ser difícil encontrar um parceiro que não seja egoísta, “sem tabus” e que perceba que ao se atrair por outro homem, também é homossexual (Rose, nº 55, 1981, p. 30).

Esses relatos indicam como a busca por prazer e satisfação sexual pode ser complexa e marcada por inseguranças. O primeiro depoimento reflete um desejo considerado tabu, enquanto o segundo expressa insatisfação com a experiência sexual, ressaltando que a dificuldade em encontrar parceiros que compartilhem desejos semelhantes pode gerar sentimentos de solidão e frustração.

A corporalidade se apresenta por meio de dúvidas relacionadas à anatomia corporal e ao desconforto com a aparência do corpo. Esse desconforto é percebido desde a insatisfação com o tamanho do pênis até dúvidas sobre “castração”, termo utilizado na época para se referir à redesignação de sexo ou harmonizações, além de questões sobre a falta ou abundância de pelos no corpo.

Alguns relatos revelam o sofrimento de quem enfrenta a dupla marginalização por conta da identidade sexual e racial, como o de um jovem de vinte e três anos que expressa suas angústias diante do preconceito: “além de preto e feio, ainda sou veado” (Sem identificação - SP. Rose, nº 47, 1981, p. 34). Ele questiona se há cura para a homossexualidade ou se deve desistir da vida. Sua vivência ilustra os impactos do estigma, da autoimagem negativa e do medo do julgamento, que levam ao isolamento e evidenciam a complexidade das interseções entre sexualidade, raça e corpo.

Na região Sul, os estados também tiveram participação significativa, com Rio Grande do Sul - RS (doze cartas), Paraná - PR (nove cartas) e Santa Catarina - SC (nove cartas), totalizando vinte e quatro cartas enviadas nesta região. Entre as confidências registradas, o tema mais recorrente envolvia práticas sexuais, abrangendo desde dúvidas sobre o tamanho dos órgãos genitais, fetiches e masturbação até o desconhecimento sobre a reprodução humana e o ato sexual em si.

Os relatos desta região evidenciam não apenas a falta de conhecimento sobre sexualidade, mas também a ausência de espaços seguros para discutir esses temas. As dúvidas expressas demonstram o desconhecimento sobre diferentes formas de prazer e a carência de diálogo sobre a vivência da sexualidade.

Ao que tange a orientação afetiva-sexual. As confidências enviadas chamam atenção para o peso do tabu, da moralidade e do estigma associados às diferentes formas de se relacionar. Um exemplo é o relato de um homem casado com uma mulher, mas que mantém relações sexuais com outros homens. Em sua carta, ele expressa sua angústia diante desse conflito: “Diante de minha decisão, resolvi aceitar minhas condições de pai, marido e gay ao mesmo tempo, já que, sem qualquer uma delas, meu sufoco será bem maior” (Banujo - PR. Rose, nº 71, 1982, p. 30).

Outra correspondência traz o dilema de uma mulher que, apesar de namorar um homem, sente desejos e sonha com relações sexuais com mulheres. Em sua incerteza, ela reflete: “quem sabe um dia apareça alguém para que eu possa me definir?” (Coração Aflito - RS. Rose, nº 34, 1980, p. 34). A ausência de espaços de socialização nas cidades pode ter contribuído para a angústia de Coração Aflito em se “definir”. A escassez de espaços onde fosse possível vivenciar e experimentar sua sexualidade, algo que hoje poderíamos compreender como bissexualidade, causava sofrimento em pessoas como ela.

Já em outro relato, um homem expressa o medo de ter sua identidade sexual descoberta por seus pais. Ele também demonstra um olhar crítico e preconceituoso em relação a homens gays que se expressam de forma mais afeminada, afirmando que isso “complica mais ainda a classe da gente” (J.V.S., Tucuruí⁸ - PR. Rose nº 51, 1981, p. 38).

Assim como na região Sudeste, a corporalidade se manifesta no desconforto com o próprio corpo. Um dos relatos presentes nas cartas é de uma pessoa que acredita ter testículos atrofiados. Mesmo após consultas médicas que asseguram a normalidade da condição, a insegurança persiste (J.C.R. - PR. Rose, nº 11, 1980, p.34). Também são frequentes as inquietações sobre o tamanho e o formato do pênis, além do excesso de pelos.

A desinformação sobre o próprio corpo e reprodução humana também aparece em relatos angustiantes, como o de uma jovem universitária, Penélope Virtuosa, do Rio Grande do Sul, que escreve para a seção Confidências pedindo ajuda para um problema que considera grave. Aos 23 anos e noiva, ela afirma ser virgem e, ainda assim, estar grávida. A jovem acredita que a gestação tenha ocorrido devido ao contato indireto com espermatozoides de um homem, transferidos a partir de relações que ela teve com sua professora de física, com quem se envolveu de forma não consentida (Rose, nº 52, 1981, p. 38).

Esse relato se conecta a diversas outras cartas enviadas à revista, que revelam um contexto de desinformação, medo e repressão sexual. Ao lado das dúvidas sobre anatomia, prazer e orientação afetivo-sexual, também aparecem angústias sobre as consequências de viver a própria sexualidade em uma sociedade que impõe restrições morais severas.

⁸ A cidade de Tucuruí é endereçada como pertencente ao Estado do Pará. No entanto, na carta enviada à Revista Rose, aparece na assinatura como sendo do Paraná. Por essa razão, optamos por manter o endereçamento conforme publicado na revista.

No Nordeste, as cartas evidenciam a busca por espaços de acolhimento, ainda que em menor escala em comparação com as regiões Sudeste e Sul, totalizando vinte e nove envios. A Bahia - BA - registrou o maior número de correspondências na região, com 12 envios, seguida por Alagoas -AL (quatro cartas), Ceará - CE (três cartas), Pernambuco - PE (três cartas), Maranhão -MA (duas cartas), Rio Grande do Norte - RN (duas cartas), Paraíba -PB (duas cartas) e Sergipe - SE (uma carta).

No que se refere às práticas sexuais, reaparecem as dúvidas relacionadas ao desconhecimento sobre sexualidade e reprodução, prazer sexual e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). As dúvidas variam desde perguntas sobre "o local exato da penetração" (S.B. -RN. Rose, nº 19, 1980, p. 34) até questionamentos sobre se homens homossexuais podem engravidar, ou o que seria o líquido que escorre quando uma mulher se excita e quais os tratamentos para doenças "venéreas" (ISTs).

Já em relação à orientação afetivo-sexual, muitos relatos demonstram dúvidas e conflitos internos. Entre as cartas, encontramos o relato de dois homens que se amam em segredo, enquanto estão noivos de mulheres. Um deles, que escreve para a revista, expressa sua angústia ao perguntar: "Nina: nós somos homens ou homossexuais?" (W. A. T., BA, Rose, nº 53, 1981, p. 39). Ele relata não ter coragem de contar a ninguém sobre seus sentimentos, mas não suportando mais o peso do segredo, decidiu escrever para a revista, esperando que Nina pudesse oferecer um conselho para ele e seu parceiro. Além disso, ele faz um pedido especial para que a revista não divulgue a cidade de envio, pois é pequena demais, indicando uma cidade que gera sofrimento.

Em outro relato, um homem expressa pensamentos suicidas e a intenção de usar drogas por ser homossexual. As inseguranças e conflitos também se manifestam no testemunho de uma mulher que sente excitação por outras mulheres, mas teme "ficar homossexual". E, apesar de afirmar não sentir nada ao ver fotos de homens nus, contrário do que sente por mulheres, assegura não ser homossexual. (C.P.S. - AL. Rose, nº 13, 1980 p. 34). Esse relato ilustra a complexidade das experiências afetivas e sexuais vividas por pessoas que se sentem pressionadas a se conformar a normas sociais rígidas, incluindo a respeito das formas de se identificar sexualmente.

Além disso, surgem questionamentos sobre o sexo anal, evidenciando a busca por informações sobre práticas sexuais que ainda são permeadas por tabus. A moralidade se faz presente em outro relato, que expressa angústia e insegurança em relação à sexualidade:

Se possível, gostaria de saber a causa que me levou à masturbação quatro a cinco vezes por dia. Despido na frente do espelho, sinto tanto prazer que chego ao orgasmo. Já tive relações sexuais com uma jovem e atualmente estou sentindo uma extraordinária atração sexual por um amigo do trabalho. Há possibilidade de eu me transformar em homossexual? Isso eu não pretendo, pois ocupo um cargo elevado e tenho medo da reprovação social (F.A.S. - CE. Rose, nº 20, 1980, p. 34).

Por fim, a corporalidade, como em outras regiões, se manifesta pelo desconforto com o próprio corpo. No Nordeste, os relatos variam da insatisfação com a curvatura do pênis às dúvidas sobre hormonização, aumento dos seios e da vagina, e à ausência de pelos pubianos. Um exemplo é o relato de um jovem homossexual de vinte e dois anos da Bahia, que expressa a complexidade de sua identidade e a busca por aceitação. Diz sentir-se feliz em ser homossexual, mas também deseja “ter seios levemente desenvolvidos” (Rose, nº 18, 1980, p. 34), alinhando-se à sua imagem ideal. Contudo, o medo de “ficar como esses travestis de seios exagerados” revela tanto a preocupação com a percepção social quanto o preconceito internalizado.

Além disso, um homem gay, na nona edição da revista, expressa sua insatisfação ao perceber que a Revista Rose não respondia às cartas de seus amigos homossexuais. Ele questiona se “não haverá espaço na revista Rose nesta seção para os homossexuais?” (C.A.S. - BA. Rose, nº 9, 1979, p. 35). Esse relato ressalta a necessidade de inclusão e representação da comunidade LGBTI+ nas publicações, destacando o desejo por um espaço onde suas vozes possam ser ouvidas e suas experiências discutidas.

Por fim, destaca-se uma carta do Nordeste publicada na edição nº sessenta e três da revista Rose, em que o autor se identifica com o texto “Não sou guei, mas amo outro homem” e critica as explicações restritas sobre a homossexualidade. Ele defende uma abordagem mais ampla, que envolva ciência, cultura e sociedade, e questiona a contradição entre a aceitação teórica das relações consentidas e o estigma social persistente. Em suas palavras:

Acho errado o indivíduo gostar de outro do mesmo sexo e por isso ser tachado de homossexual. Pior ainda quando o chamam de 'fresco', 'veado', 'bicha', 'pederasta', etc. Existe, sim, o relacionamento homossexual. A espécie é macho (dois homens) ou fêmea (duas mulheres). Nada de indivíduo homossexual, porque quando ele prefere só o sexo oposto, ninguém o rotula de heterossexual, nem igualmente se explora esse termo, dizendo: 'Lá vai o heterossexual! (Aquariano Deprimido - PE. Rose, 73, 1982, p. 30).

O relato expressa um movimento de busca por legitimação da diversidade sexual, ao mesmo tempo em que evidencia as tensões e desafios enfrentados por quem vivencia desejos que escapam às normas hegemônicas.

No Centro-Oeste, os envios foram mais reduzidos, totalizando onze correspondências: três de Goiás - GO, três do Distrito Federal - DF, quatro de Mato Grosso do Sul - MS - e uma de Mato Grosso - MT. O tema mais recorrente nessas cartas está relacionado às práticas sexuais.

Grande parte dos relatos concentra-se em dúvidas sobre desejo, atração e práticas sexuais. F.P.S., do Mato Grosso do Sul, por exemplo, questiona os riscos do sexo oral e anal, como a transmissão de germes e doenças à parceira (Rose, nº 31, 1980, p. 34). A carta exemplifica como a revista Rose funcionava como um espaço acessível para esclarecer temas pouco debatidos na sociedade da época.

Ainda no campo das dúvidas sexuais, uma mulher questiona se o fato de seu marido sentir prazer ao receber carícias nos mamilos poderia ser um indicativo de homossexualidade (L.H.Q. - GO. Rose, nº 3, 1979, p. 35). Essa inquietação reflete como os estereótipos sexuais e de gênero moldam percepções sobre corpos e desejos, perpetuando equívocos e ansiedades.

Outro exemplo significativo é a carta de um homem do Mato Grosso do Sul, que expressa o desejo de ter um filho com seu parceiro: "Quero saber qual a possibilidade de um homossexual ter filho. Faço essa pergunta porque quero ter um filho do homem que amo há mais de quatro anos" (J. O. - MS. Rose, nº 11, 1980, p. 35). Esse relato sinaliza tanto o desejo quanto a falta de informações sobre as possibilidades legais e médicas para a parentalidade homoafetiva.

Os estereótipos também aparecem em outros relatos, gerando impactos sociais, individuais e psicológicos. Um homem, por exemplo, manifesta seu cansaço em manter relações casuais, sem envolvimento emocional, e relata a dificuldade de lidar com sua identidade no ambiente de trabalho:

No trabalho, é muito difícil meu relacionamento com os colegas, pois faço tudo para que não dê na vista a minha identidade sexual. Não sou desses gueis que saem na rua fazendo palhaçadas, detesto isso." (J. J. - MS. Rose, nº 49, 1981, p. 34).

Esse trecho ilustra um discurso de negação e distanciamento de outros membros da comunidade LGBTI+, revelando a influência dos estereótipos sobre a masculinidade e sobre a homossexualidade. Em outra carta, um homem compartilha um dilema afetivo após uma viagem ao Rio de Janeiro, onde se apaixonou por outro homem e passou a considerar abandonar sua família para viver esse novo amor.

A corporalidade também se manifesta entre os relatos da região Centro-Oeste, especialmente no desconforto com o próprio corpo. Principalmente, inseguranças sobre o formato do pênis e a busca pelo autoconhecimento corporal.

Por fim, a expressão de gênero aparece de forma sutil em diversas correspondências. Entretanto, um questionamento publicado na edição sessenta e cinco se destaca ao indagar: "Por que os trejeitos efeminados?" (Z. C. Z. - DF. Rose, nº 65, 1982, p. 30). Esse relato exemplifica o preconceito contra performances de gênero que escapam da norma da

masculinidade hegemônica, refletindo as tensões entre identidade, expressão e expectativa social.

Já a Região Norte apresentou o menor número de registros, com apenas seis cartas identificadas, sendo quatro do Pará - PA - e duas do Amazonas - AM. Os relatos dessa região abordam principalmente questões sobre práticas sexuais e corporalidade.

No que se refere às práticas sexuais, as dúvidas giram em torno da atração e do prazer, refletindo incertezas e curiosidades comuns entre os remetentes. Já no campo da corporalidade, destacam-se questionamentos sobre o crescimento de pelos, o aumento dos seios em decorrência do uso de medicamentos e o desconforto com a própria imagem. Um exemplo é o relato de F. L. M. C., do Amazonas, que relata que após seu processo de emagrecimento por meio do uso de remédios, seus seios cresceram e surgiram caroços em seus mamilos (Rose, nº 72, 1982, p. 31).

Esse relato evidencia as angústias relacionadas às mudanças corporais e à auto imagem, além de demonstrar a relação entre corpo, desejo e inseguranças individuais. Assim como em outras regiões, o desconforto com o próprio corpo se mostra uma constante, refletindo dilemas comuns entre os remetentes das cartas.

5 MEMÓRIA NAS CIDADES

Poucos relatos trouxeram um local, uma cidade ou um estabelecimento que abrigasse sua vivência e sua memória. As poucas memórias que continham espaços físicos revelam as complexas e muitas vezes dolorosas experiências de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade em ambientes urbanos, destacando a luta por aceitação e a busca por identidade em um contexto social frequentemente hostil.

Nesse sentido, uma carta enviada do Mato Grosso revela uma memória da cidade do Rio de Janeiro. Na carta, um homem, casado e pai de filhos, descreve sua família como um troféu: "filhos lindos e uma mulher linda e loira que é o meu tipo de mulher" (Rose, nº 48, 1981, p. 34). No entanto, ele relata que, em uma viagem ao Rio de Janeiro, teve sua primeira relação sexual com outro homem:

Eu nunca tinha ido pra cama com um guei e só levei-o para explorá-lo no sentido de obter prazer, exigindo dele somente o sexo oral. Mas, conversando com ele, percebi que era uma pessoa muito culta, inteligente, maravilhosa, e voltei a sair várias vezes com ele. Só quando voltei de minha viagem percebi que estava apaixonado pela boneca (Rose, nº 48, 1981, p. 34).

Apesar do preconceito evidente em sua forma de narrar a experiência, o remetente busca a ajuda da revista Rose, pois sente-se apaixonado e deseja deixar sua esposa para

viver esse amor. Essa memória nos possibilita visibilizar a importância dos deslocamentos para cidades fora do cotidiano como possibilidade de vivenciar o corpo e a sexualidade.

Em outro caso, a escola também se manifesta como um espaço de sociabilidade e, ao mesmo tempo, de violência. Um jovem de vinte anos, de Araçatuba (SP), relata que tentou suicídio após seus colegas descobrirem que ele se relacionava com outros homens. A casa tampouco se apresenta como um espaço acolhedor, tornando-se um lugar de isolamento e solidão. Sua identidade, assim, se forma na rejeição de si mesmo:

Minha vida sexual é conturbada, pois não sinto nada por mulheres e, com os homens, sinto um prazer enorme até a consumação do ato; depois disso, sinto nojo e ódio de mim mesmo, da pessoa com a qual transei e até do mundo (Suicida - SP. Rose, nº 70, 1982, p. 30).

Na edição setenta e cinco, outra carta expressa uma solidão marcada por classe, sexualidade e aparência. O autor, um zelador, que se descreve como pobre e homossexual, relata rejeições constantes e a falta de vínculos, mesmo em encontros casuais. Seu relato exemplifica como as normas sociais determinam quem pode pertencer aos espaços urbanos, interseccionando a sexualidade e a classe social como mecanismos de exclusão. Ao ser publicada, a carta se torna parte da memória da cidade, registrando uma experiência de marginalização que persiste no tempo: "Quando estou sozinho no meu quarto, não tenho vontade nem de ir ao cinema, nem a lugar nenhum; fico na maior solidão" (Desiludido - SP. Rose, nº 75, 1982, p. 32).

A solidão também se manifesta na edição sessenta e cinco, em uma carta de um homem gay de quarenta e três anos que teme ser usado por interesse. A cidade aparece como um espaço de encontros fugazes, permeados por insegurança. Sua angústia com o futuro e o envelhecimento revela tanto o desejo de pertencimento quanto o ceticismo sobre as relações afetivas. Sua memória urbana remete aos espaços de socialização gay da época, como os banheiros:

Há três meses, conheci um carinha [...] Ele tem 24 anos e conhece todos os banheiros de São Paulo. Desde o momento em que o vi — por sinal, no banheiro do Anhangabaú —, logo simpatizei com ele. [...] Mas só de pensar que, na minha ausência, ele fará de tudo para caçar nos banheiros da cidade e transar com outras pessoas... [...] Comigo, não! Embora eu gostasse de ficar com ele pelo menos uma vez por semana — porque, convenhamos, vale a pena —, me pergunto: o que fazer? Devo procurá-lo e deixá-lo ficar no apartamento, pelo menos até eu encontrar outro rapaz em substituição e recomeçar tudo novamente? (Day by Day - SP. Rose, nº 67, 1982, p. 30).

Outro relato, de um homem de vinte e seis anos, revela a exposição involuntária de sua sexualidade e o consequente medo da rejeição familiar. Para ele, a cidade se torna um espaço de vigilância constante, onde sente-se observado e julgado. Seu único refúgio passa a ser a natureza, um contraponto à hostilidade social:

Nina, vivo em uma cidade pequena do interior e, pior ainda, tenho meu pai e irmãos casados, que não admitem e jamais admitiriam ter um irmão nestas condições. Desde essa época, só saio de casa para trabalhar (J. L. H - MG. Rose, nº 72, 1982, p. 30).

O espaço urbano se revela aqui como um cenário de encontros e desencontros, onde o desejo muitas vezes precisa ser lido nas entrelinhas, especialmente em ambientes de trabalho. O fato de os gestos de proximidade ocorrerem apenas na presença de outras pessoas sugere um jogo de dissimulação, característico de uma sociedade em que a homossexualidade ainda precisa ser negociada por meio de códigos sutis.

Uma carta publicada na edição cinquenta e quatro ilustra essa dinâmica, em que o autor, um jovem de vinte e um anos no Rio de Janeiro, vive intensamente a expectativa de uma relação com um colega de trabalho, interpretando gestos e brincadeiras como possíveis sinais de reciprocidade. No entanto, a ambiguidade da relação apenas reforça sua dor e solidão (X - RJ. Rose, nº 54, 1981, p. 38). Essa narrativa expressa a angústia de um amor não correspondido ou indefinido, agravado pela incerteza e pelo desejo frustrado.

Além dos espaços urbanos, as viagens também aparecem como locais de descoberta e transformação. Em uma carta da edição trinta e um, uma mulher relata sua experiência em um acampamento escolar, onde vivenciou um envolvimento afetivo e sexual com outra mulher. Inicialmente, a narradora expressa rejeição à colega, influenciada por preconceitos e normas sociais. No entanto, a proximidade forçada durante o acampamento cria um espaço inesperado para a experiência do desejo:

Há alguns meses fui acampar com minha turma e, perto de nossa barraca, acampou uma turma de vagabundos e maconheiros. Com eles estava uma lésbica odiada por mim e por minha turma. Começamos a discutir com eles até que começou a chover e nossa barraca desabou. Mudamo-nos para a deles e, não sei se por azar ou sorte minha, tive que dormir ao lado dela, ambas só de calcinhas. Ela se encostava em mim e eu fugia; ela me abraçava e eu a evitava, até que acabei aceitando seu abraço, seus beijos pelo meu corpo inteiro. Quando ela me beijou na boca, estava tão excitada que cheguei ao orgasmo, a coisa mais gostosa que senti na vida (Grito de Alerta - SP. Rose, nº 31, 1980, p. 35).

O acampamento representa um lugar de suspensão das regras cotidianas, permitindo que a narradora vivencie algo que antes parecia impossível. O dilema final - entre viver esse

amor ou reprimi-lo para evitar suspeitas - mostra o peso do medo e da repressão. A pergunta sobre ser pecado reflete o conflito interno entre o desejo e os valores impostos pela sociedade. Ainda assim, a conclusão da carta indica que a separação não é uma opção real, reafirmando a força do vínculo criado.

Esses relatos expõem os desafios enfrentados em diversos espaços, como a escola, a casa, as ruas das cidades, dentre outros onde o preconceito e a violência muitas vezes prevalecem. Através de suas narrativas, as pessoas remetentes compartilham vivências que vão desde a descoberta da sexualidade e o conflito de identidade até o anseio por conexão e amor. Essas histórias ilustram a dualidade de uma vida marcada pela marginalização e pela busca por pertencimento, revelando a resiliência e a luta constante por aceitação em um mundo que ainda impõe barreiras.

Nesse sentido, é possível perceber a falta de espaços físicos de sociabilidade que acolhedores para vivências dissidentes, principalmente no contexto repressivo da ditadura civil-militar brasileira, período em que a revista *Rose* estava em circulação. Nesse cenário, a revista se tornou um refúgio simbólico para pessoas homossexuais frente à escassez ou inexistência de lugares de sociabilidade nas cidades, oferecendo um espaço de acolhida, reconhecimento, cuidado e inclusão por meio de suas páginas, especialmente na seção 'Confidências'. A carta escrita pelo leitor J. J., do Mato Grosso do Sul, publicada na edição 49 de 1981, ilustra bem esse espaço:

Por não estar mais suportando é que me dirijo a vocês. Sou um adolescente, homossexual, ativo, trabalho e estudo e, infelizmente, não tenho amigos íntimos para falar dos meus problemas e segredos. Também não encontro alguém, um que me satisfaça, que me dê amor, carinho, sexo e amizade. Por isso sofro muito. [...] (*Rose*, n. 49, 1981, p. 34).

Esse relato mostra como a revista *Rose* teve papel fundamental ao criar um canal de comunicação onde pessoas marginalizadas podiam desabafar e buscar compreensão. Em um contexto em que assumir-se homossexual implicava severas consequências sociais e institucionais, a publicação atuava como espaço seguro, ainda que simbólico, permitindo a expressão de identidades silenciadas e oferecendo um senso, mesmo que limitado, de pertencimento e apoio. Como primeira revista brasileira voltada ao público homossexual masculino, *Rose* não se limitava à informação ou entretenimento, mas possibilitava visibilidade e construção da masculinidade homossexual (Lopes, 2012).

Em paralelo à *Rose*, a seção "Cartas na Mesa" do jornal *Lampião da Esquina* reflete a mesma realidade de ausência de espaços de encontro, reforçando o sentimento de solidão e, conseqüentemente, o medo de se assumir homossexual. Esse temor é evidenciado em uma carta enviada por um leitor de Curitiba ao *Lampião da Esquina*, na qual ele relata que a

coragem era necessária já no ato de comprar a publicação, pois sua aquisição poderia despertar suspeitas sobre sua sexualidade (Maior, 2022).

Tanto a Rose quanto o Lâmpião da Esquina demonstram como a imprensa voltada ao público homossexual desempenhou um papel essencial na criação de espaços de acolhimento e visibilidade em um contexto de repressão e marginalização. Ao oferecerem um canal para a expressão de experiências individuais, essas publicações não apenas registraram as dificuldades enfrentadas pela comunidade, mas também contribuíram para a construção de identidades coletivas e para o fortalecimento da luta por direitos.

O medo destacou-se como um elemento central nos relatos enviados à Rose. As preocupações expressas variavam desde o receio de que familiares e pessoas próximas descobrissem a orientação afetivo-sexual das pessoas autoras até a angústia em relação a corpos que não se enquadravam nos padrões heterocisnormativos. Muitas pessoas manifestavam também o temor de estar pecando simplesmente por serem diferentes, evidenciando como a moralidade dominante reforçava a culpa e o isolamento dessas vivências.

Para pessoas dissidentes de gênero e sexualidade, é quase impossível escapar das constantes mensagens negativas sobre seus modos de existir. Essas agressões à integridade psicológica fazem com que internalizem a ideia de que há algo errado consigo mesmas, gerando medo, vergonha e culpa (Borges, 2009). Na Rose, não era preciso sentir medo: a revista oferecia um espaço onde poderiam simplesmente existir. Cada confiança se tornava parte de uma troca entre revista e leitoras/es, criando um senso de comunidade e identidade.

Nesse contexto, essas memórias expressam questões e temáticas com pouco espaço coletivo para compartilhamento, elaboração e educação sobre desejo, sexo, atração e reprodução, além de sofrimentos relacionados à LGBTQIfobia e à internalização do mesmo, à ausência de espaços físicos adequados e à falta de amizades ou relacionamentos amorosos duradouros.

Essas questões são hoje melhor compreendidas a partir da categoria orientação afetivo-sexual. Definimos como a atração sexual ou afetiva, evidenciando o desejo, a excitação e o interesse em práticas sexuais, assim como o interesse em manter vínculos e promover a troca de afetos (Ciasca; Hercowitz; Junior, 2021). Essa concepção é compreendida em conjunto às identidades sexuais, uma vez que se constituem a partir da sexualidade⁹, uma esfera politizada, que é inundada de conflitos de interesse e manobras políticas, cuja determinação perpassa pela atividade humana para sua construção (Rubin, 2012).

⁹ A categoria sexualidade pode ser compreendida como um conjunto de vivências e expressões manifestadas por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, relacionamentos e dinâmicas de poder. A sexualidade envolve sensações, emoções, experiências, proibições e significados que se configuram de acordo com distintos contextos sociais e históricos. Por fim, sua constituição é influenciada por interações biológicas, psicológicas, sociais, econômicas, políticas, religiosas e culturais (Ciasca; Hercowitz; Junior, 2021).

Foucault (2024) explicita a dimensão política da sexualidade à partir de dispositivos que não apenas organizam o domínio erótico em relações de poder coercitivas e negativas, mas também via produção e inciação do desejo. Essa dominação, enquanto categoria ética, impõe uma sujeição moral aos prazeres sexuais, constituindo uma força que os indivíduos devem internalizar por meio do desenvolvimento de competências e técnicas para o autocontrole (Foucault, 2023). No Brasil, podemos observar esses dispositivos de controle sobre as dimensões da orientação afetivo-sexual, sendo performadas reiteradamente por autoridades médicas, psicológicas, jurídicas e policiais em práticas discursivas que transformaram a homossexualidade em patologia e pecado (Trevisan, 2018, p. 180).

A partir da compreensão dessas categorias e dispositivos, embora as pessoas narrassem ser seus desejos eróticos as fontes de seus sofrimentos, as memórias expressam desafios, barreiras e violências sociais que dificultam lidar com este desejo em uma sociedade estruturada a partir da cisheteronormatividade.

A revista Rose, em sua seção “Confidências”, abriu um espaço simbólico possível para expressão e representação das sexualidades e gêneros dissidentes. Inúmeros relatos exemplificam o uso desse espaço na busca não só de acolhimento e pertencimento, mas também na procura de orientação e educação, como é perceptível nos seguintes relatos:

[...] Nina, me ajude, eu não sou guei e nunca seria um guei passivo, não tenho preconceitos, apesar de sentir nojo de algumas “bichas”. Mesmo assim, respeito-os como humanos que são. Já tive duas experiências homossexuais no ativo e passivo, ao mesmo tempo, e confesso que da primeira vez gostei, mas na segunda, senti nojo de mim mesmo [...] Eu não quero frequentar o mundo guei, tenho medo. Nina, por favor, continue com essas revistas e esses artigos, pois precisamos de gente que seja gente como você. (RAW - SP. ROSE, n.50, 1981, p. 38).

Em algumas ocasiões sinto-me perdidamente excitada diante de outras mulheres, mas me sinto muito envergonhada, culpada, por essa estranha sensação de prazer. Será que existe solução para um caso como o meu? (V. M. A. - SP. Rose, nº12, 1980, p. 34).

Nos exemplos acima, observamos a recorrência de elementos afetivos marcantes nas Confidências enviadas a revista Rose, como a angústia em relação à designação “homossexual” ou, mais especificamente, “guei”. Ademais, destaca-se o uso do termo “nojo” para expressar a repulsa direcionada a formas dissidentes de vivência da sexualidade, evidenciando um processo de internalização das normas sociais que impele as pessoas um esforço contínuo de conformidade às expectativas hegemônicas, mesmo que isso lhes cause sofrimento. Dessa maneira, a angústia e o nojo relatados nas Confidências refletem os impactos das forças normativas na constituição da subjetividade, demonstrando que a sexualidade, longe de ser uma expressão meramente individual, é regulada por dispositivos de poder que delimitam e restringem os modos de viver (Foucault, 2023).

A construção das páginas da revista como um espaço de sociabilidade simbólico de acolhida, pertencimento e educação também é perceptível nas dúvidas e orientações acerca dos dispositivos relacionados às práticas sexuais.

Desde as primeiras edições da revista, quando seu conteúdo era predominantemente voltado ao público feminino, as práticas sexuais já apareciam como tema recorrente. Diversos escritos abordavam questões relacionadas ao prazer, tanto em sua experiência quanto em proporcioná-lo, incluindo discussões sobre masturbação, fantasias, fetiches e posições sexuais. Além disso, surgiam dúvidas sobre métodos contraceptivos, bem como questões referentes à prevenção, transmissão e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

Relatos publicados na revista evidenciam preocupações comuns sobre sexualidade. Na edição cinquenta e nove (1982), C.A.S. questiona se a masturbação poderia causar doenças mentais ou danos físicos e espirituais, informação que teria lido em um livro médico. Já na edição três (1979), M.M.O., do RJ, expressa frustração por só atingir o orgasmo quando está por cima, posição que seu marido não aceita, e pergunta como poderia agradá-lo ocupando o “lugar correto na cama” (Rose, nº 3, 1979, p. 34).

Estes relatos, assim como muitos outros, demonstraram a ampla disseminação da desinformação da época. É possível pensarmos que a desinformação expresse a escassez ou ausência de espaços de sociabilidade para o diálogo e educação sobre sexualidade

Outro aspecto relevante presente nas Confidências, são as questões relacionadas à corporalidade e a autoimagem. São presentes memórias que trazem vivências de autodepreciação sobre o corpo, como por exemplo, a curvatura e/ou tamanho dos órgãos sexuais, o tamanho e formato dos seios, quantidade de pelos no corpo, cor da pele, expressão de gênero marcado no corpo e referente ao formato do próprio corpo. A corporalidade corresponde aos investimentos socioculturais e, ao mesmo tempo, é continuamente moldada por eles. Os significados que atravessam as concepções de corporalidade são construídos a partir de dimensões materiais e simbólicas (Louro, 2023), sendo influenciadas pelas normas regulatórias de seu contexto (Butler, 2019).

Um exemplo do atravessamento das concepções sociais sobre a percepção corporal e da autoimagem pode ser encontrado na edição sessenta e quatro, onde um leitor expressa:

[...] Tenho características efeminadas, como mão pequena com dedos finos e longos, cintura muito fina, nariz, olhos, boca e outras coisas mais, com exceção do rosto, onde existe barba nascendo. Mas o meu maior problema é que não consigo mais sair de casa, pois recebo denominações que me deixam abatido, até de meus amigos. (...) Será que tenho problemas sexuais? Se não tiver, existem tratamentos para me normalizar? Será que poderei ter esperanças de sair na rua, algum dia, livre desse problema? Me ajude, pois dependo demais disso! (J. V. P - MG. Rose, nº 74, 1982, p. 33).

Essa declaração destaca a profunda insegurança e o sentimento de inadequação que muitas pessoas enfrentam. Para Judith Butler (2019), a corporalidade está condicionada pelos limites discursivos do “sexo”, uma vez que opera de maneira performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo. Complementarmente, conforme Louro (2023) afirma, as inscrições dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos são realizadas sempre com o objetivo de diferenciar os sexos, servindo à consolidação do imperativo heterossexual (Butler, 2019).

Nesse sentido, “sexo” ou “gênero” não apenas operam como normas, mas também configuram práticas regulatórias que produzem e governam os corpos. Sua força regulatória se manifesta como um poder produtivo, responsável por demarcar, diferenciar e organizar os corpos sob controle. Dessa forma, não se pode compreender “gênero” ou “sexo” como meros constructos culturais impostos sobre uma matéria preexistente, seja ela entendida como “o corpo” ou como seu suposto sexo. Essas construções determinam não apenas o que somos, mas também o que podemos nos tornar, uma vez que moldamos nossos corpos em conformidade com critérios estéticos, higiênicos e morais estabelecidos pelos grupos sociais aos quais pertencemos (Louro, 2023).

O corpo, portanto, emerge como um elemento central de sofrimento na vivência de indivíduos que não se enquadram nos padrões estéticos e higienistas impostos pela sociedade. De acordo com Lucas Veiga (2021), a bicha preta – homem gay negro – enfrenta um enfraquecimento significativo de sua autoestima devido à homofobia e ao racismo que permeiam sua trajetória de vida, o que resulta em uma espécie de “segunda diáspora”. Esse processo leva essas pessoas a desenvolverem inseguranças profundas sobre seu próprio valor e a acreditarem que não são dignas de amor.

Um exemplo disso é o relato de um homem, de vinte e três anos, que expressa seu maior desgosto dizendo ser “preto e feio, ainda sou veado” (Sem identificação - SP. Rose, nº quarenta e sete, 1981, p. 34). Essa confidência revela como os marcadores sociais de etnia, raça e sexualidade se interseccionam, gerando um sofrimento singular e profundo. Nesse contexto, a bicha preta se vê isolada e sem expectativas de encontrar amor ou aceitação.

Assim, as características de insegurança mencionadas nas revistas refletem a composição da identidade e personalidade das pessoas, influenciando na percepção de si mesmas a partir das pressões sociais sobre os padrões de corpos desejados. Dessa forma, várias pessoas relatam dificuldades sexuais por receio de não se encaixarem nas normas de beleza, de corporalidade e performatividade sexual.

As questões de corporalidade e autoimagem presentes na seção Confidências frente a representações negativas ou depreciativas de diversidades corporais ou de expressões de gênero dissidentes nos permitem também supor a escassez ou ausência desses corpos nos espaços de sociabilidade onde circulavam as pessoas leitoras, em especial espaços que

interseccionam sexualidades dissidentes com outros marcadores sociais como raça, classe e gênero.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise das memórias registradas na seção Confidências da revista Rose, visibilizamos a escassez de espaços físicos de sociabilidade para as leitoras e leitores vivenciarem e construírem em seu cotidiano suas identidades, somada à pouca disponibilidade de informações sobre sexualidade, orientação afetivo-sexual, práticas sexuais e corporalidade. Ao mesmo tempo, vimos nas páginas na revista Rose a construção de um espaço simbólico de sociabilidade, acolhimento, expressão e reconhecimento para pessoas dissidentes de gênero e sexualidade que potencializou tanto sua educação sexual como um processo coletivo de produção de identidade social e construção de si, especialmente em um contexto de repressão e censura da ditadura civil-militar.

A distribuição geográfica das correspondências revela a ampla abrangência da publicação, com predomínio de envios da Região Sudeste, especialmente de São Paulo e Rio de Janeiro, seguidos pelo Sul, Nordeste e Centro-Oeste. Embora haja representatividade de todas as regiões do Brasil, nota-se a invisibilidade de algumas localidades específicas. Essa dinâmica reflete as disseminações discursivas e imagéticas da população, representada principalmente por vivências vinculadas ao Estado, ainda que não mencionem cidades específicas, ainda é possível considerar a presença dessas experiências em diversas localidades do país, onde a Rose era buscada como espaço para desabafar sobre dilemas afetivos e sexuais.

A recorrência de temas como práticas sexuais, orientação afetivo-sexual e corporalidade aponta para a necessidade de espaços de sociabilidade que promovam diálogos seguros sobre essas questões. No entanto, a desinformação aliada ao preconceito e à discriminação evidencia o impacto de discursos normativos que impõem um modelo hegemônico de sexualidade e identidade de gênero que acompanha sofrimento dessas pessoas. A precariedade de educação sexual e de espaços de troca impacta na formação de sentimentos de culpa, vergonha e inadequação, reforçando a internalização da LGBTfobia.

Nesse contexto, a Rose desempenhou um papel fundamental ao oferecer um espaço coletivo onde essas vivências puderam ser narradas e legitimadas. A revista não apenas acolheu as vozes que ali se manifestaram, mas também contribuiu para a construção de memórias e das identidades de sujeitos dissidentes. Sua importância transcende a função de veículo de comunicação, tornando-se um importante dispositivo de formação de comunidade, fortalecimento identitário e pessoal e propulsora da luta por visibilidade, reconhecimento e cidadania do então recente Movimento Homossexual Brasileiro.

Assim, a Rose possibilitou a articulação de subjetividades dissidentes em um cenário de forte repressão, consolidando-se hoje como um importante registro histórico das

vivências e resistências de pessoas marginalizadas na ditadura civil-militar, em especial as LGBTI+, explicitando barreiras e desafios de sua existência no cotidiano das cidades, bem como criando em suas páginas um espaço de sociabilidade comunitário possível para aquelas que viviam seus gêneros e sexualidades de forma tão isoladas e individualizadas.

REFERÊNCIAS

BORGES, Klecius. A homofobia e o paciente gay. *In*: BORGES, Klecius. **Terapia afirmativa: uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais**. São Paulo: GLS, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: 2019.

CIASCA, Saulo Vito; HERCOWITZ, Andrea; JUNIOR, Ademir Lopes. Definições da sexualidade humana. *In*: CIASCA, Saulo Vito; HERCOWITZ, Andrea; JUNIOR, Ademir Lopes (Org.). **Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar**. Barueri: Manole, 2022. p. 12-17.

CZOVNY, André Luiz Justus; FERNANDES, José Carlos. Masculinidade Homossexual dos Leitores das Revistas Curitibanas Rose e Ponto de Encontro. *In*: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. **22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Guarapuava/PR, 08 a 10 jun. 2023. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/10/04172023210048643dddb037211.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2025.

FERNANDES, José Carlos. **Desejos impressos**. Biblioteca Publica do Paraná: 2017. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Helena/Noticia/Desejos-impressos>. Acesso em: 20 mar 2025.

FERNANDES, José Carlos; AMARAL, Agnes. Grafipar Edições: uma reação erótica à ditadura militar. **RIF Artigos/Ensaio**, Ponta Grossa, v. 19, n. 42, p.173-193, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19299/209209215283>. Acesso em: 19 abr. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade do saber**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si**. 10 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FRACCAROLI, Yuri. **"Era um olhar e pronto": Memórias cotidianas do homoerotismo em São Paulo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de Investigaciones UNAD Bogotá**, v. 14, n. 2, p. 55-73, 2015.

LANDAU, Caroline. “A Aids mudou de cara”: memória coletiva e novas oportunidades para o ativismo da Aids no Brasil. **Plural**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11–44, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74538>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LOPES, Charles Roberto Ross. Masculinidade em Rose: gays efeminados/homens discretos. **MÉTIS: história & cultura**. v. 10, n. 20, jun./dez. 2011. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/989/1070>. Acesso em: 19 abr. 2025.

LOPES, Charles Roberto Ross. Masculinidades em Rose: gays efeminados / homens discretos. **Métis: História & Cultura**, v. 10, n. 20, 2012. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/989>. Acesso em: 21 mar. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MAIOR, Paulo Souto. Enquadramentos da confissão da homossexualidade masculina durante a epidemia de aids no Brasil (1985-1995). **Anos 90**, v. 29, p. 1–21, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/109907>. Acesso em: 21 mar. 2025.

RUBIN, Gayle. **Pensando Sexo**: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. Tradução: Felipe Bruno Martins Fernandes. UFSC: 2012. Título original: Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. Culture, Society and Sexuality.

SPINK, Mary Jane Paris; Medrado, Benedito. Produção de Sentido no Cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane Paris (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 22-41.

TREVISAN, João Silvério. Entra em cena o homossexualismo. In: TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil. da colônia à atualidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. In: VEIGA, Lucas. **Clínica do impossível: linhas de fuga e de cura**. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

FONTES PRIMÁRIAS

ROSE, Curitiba: Grafipar (1979-1983).

Recebido em: 15/04/2025

Aceito em: 11/08/2025